



## Pelas veredas da vida

As descobertas de uma peregrina que percorreu os Caminhos de Rosa, no sertão mineiro, e, nessa jornada, espreitou a vastidão do seu sentir

TEXTO TARSILA DE NICHILE EDIÇÃO RAPHAELA DE CAMPOS MELLO FOTO @LUCKY.BIKER.VEGAN

TINHA PLANOS de ir para o Nordeste, festejar o São João, quando minha amiga Ludmila me convidou para uma peregrinação. Realmente, naquele momento, seria mais condizente caminhar na natureza e ir para dentro de mim. Isso porque, nos últimos tempos, eu vinha me questionando, com grande angústia, sobre o porquê da vida e da morte. Qual a razão de estarmos aqui se um dia tudo acabará? Eu precisava descobrir um sentido.

Juntei-me ao grupo que percorreria os Caminhos de Rosa em junho de 2023. A rota turística, idealizada por André Ferreira, tem esse nome pois reconstitui o trajeto feito pelo escritor João Guimarães Rosa (1908-1967) pelo interior de Minas Gerais, em 1952, ocasião em que ele acompanhou uma comitiva

de vaqueiros pela região de Cordisburgo, sua terra natal. Foi essa travessia que inspirou a escrita do romance *Grande Sertão Veredas*, clássico da literatura brasileira, publicado em 1956.

Eu queria andar sozinha por aquelas estradas de terra, sob o “ilustre do céu”, que “de nuvem a nuvem se faz”, como observou o escritor. Queria sentir a secura do sertão e perceber como eu lidaria com as minhas emoções e sentimentos. “Talvez isso me traga alguma resposta”, intuí.

Teria pela frente cerca de 165 km, de Andrequicé a Cordisburgo, ao longo de cinco dias. Estava certa de que conseguiria trilhar uma média de 30 km por dia. Lá fui eu. Saímos da pousada cedinho e logo me posicionei junto dos maratonistas do

grupo. Minha bota estava laceada, mas eu havia trocado a sola. No pique, sedenta pelo porvir, não percebi que ela tinha começado a me machucar. E continuei.

### ALGUÉM AO LADO

Paramos para almoçar à beira da estrada. Comida preparada no fogareiro com amor e capricho. Uma delícia! Sentei-me, relaxei, senti os pés latejarem, mas não esmoreci. Estava determinada a cumprir o trajeto inteiro. Apesar das flechas amarelas pintadas nos troncos de algumas árvores, às vezes, a gente se perde no meio do caminho, porque está distraído ou porque escolheu a direção errada numa bifurcação. Ai, que agonia! Mas os carros de apoio transitam para dar todo tipo de suporte. >>

“A peregrinação não se trata de andar só, e sim de andar com cada uma das pessoas que está ali para doar algo a você. Cada um oferta um cuidado, uma história, um segredo”

Nos últimos quilômetros daquele trecho, eu estava com muitas dores, exausta e arrependida de não ter entrado no carro. Minha amiga chegou de bicicleta e se dispôs a me emprestar. Recusei. “Vou até o final a pé”, lhe disse. Ela, então, me fez companhia, porque eu não aguentava mais estar sozinha.

O tempo passa muito mais depressa quando você deixa de estar ensimesmado e entra na troca com o outro. Esse foi um dos maiores aprendizados que eu tive no percurso. Como é bom trilhar a vida com alguém ao seu lado. E, sim, também é muito bom estar sozinha. Achar que se é autossuficiente é de uma arrogância que não cabe. Tem hora em que a gente quer ficar solitário. Mas tem hora em que a gente precisa de apoio, precisa

do outro. E contar com uma pessoa diferente de você, que te tira de dentro de si e te mostra um outro mundo, é como ter alguém para carregar uma fração do seu peso junto com você, entende?

Eu parei de sentir dor porque não estava mais focada nos meus pés, e sim nas coisas que minha amiga me contava sobre o que ela tinha vivido na rota. Ouvi-la me resgatou da autopunição, da ideia de que eu não deveria ter me aventurado a andar tanto, ter sido tão arrogante.

Quando eu avistei a igrejinha onde íamos pernoitar, fui invadida por um alívio salvador. Estava desesperada para tirar as botas. Foi então que me deparei com bolhas gigantescas nas solas, bem abaixo dos dedos. Eu não sabia o que fazer com elas. Pedi ajuda. Uma com-

panheira de jornada me mostrou como furá-las. Mais uma vez, eu não estava sozinha.

“Eu não preciso dar conta”, falei para mim mesma no dia seguinte. No meu tempo, retomei as pernas. Mas as bolhas voltaram a estufar. Decidi que não ia martirizar meu corpo. Preferia doer na alma, abatida pela humilhação de me ver incapaz de alcançar as metas a que me havia proposto. Também me comparei aos outros e me julguei inferior. Já tinha sentido isso outras vezes na vida, mas, ali, um pedaço de mim me consolou, dizendo que meu valor não estava em andar 165 km. Reduzi o passo.

#### A POESIA ESTAVA LÁ

Um outro tipo de alento chegou como bênção. Em Morro da Garça,



Aprender a reconhecer e respeitar o próprio ritmo torna a jornada mais leve e disponível para os encantos singelos do caminho, descobriu Tarsila

uma contadora de histórias local declamou para nós o trecho de um poema retirado do livro *Magma*, de Guimarães Rosa. Os versos enaltecem a sede de vida que a gente tem. Chorei. Fundo. Porque eu sinto muito isso, sabe? Essa saudade que eu não vivi, “fome angustiada da fusão de tudo”, no sentir de Rosa. “Talvez, este não seja um sentimento só meu”, refleti, acarinhada pelo sarau.

Adiante, fiz uma pausa numa fazenda e me pus a papear sem pressa com os proprietários, três irmãos. Cada um foi trazendo um pedacinho de si para mim. Para uma irmã, falei da minha angústia sobre o que existe ou não depois da morte. Ela, então, me contou sobre o suicídio de um irmão e como ela se entristecia por não ter sido ca-

paz de protegê-lo. Senti-me honrada por poder acolher uma história tão íntima e profunda. Veja como são as coisas. Não ter me esfolado para caminhar me permitiu ser escuta para aquela mulher.

É isso. A peregrinação não se trata de andar só, e sim de andar com cada uma das pessoas que está ali para doar algo a você. Um me ofereceu chinelos; outro, camiseta de manga longa para barrar o sol. Cada um oferta uma história, um segredo. Se a gente estiver atento, vai percebendo essas dádivas.

No trecho final, veja só, eu conseguia andar quase tudo. Pois tinha substituído a bota por um tênis. Provavelmente, se eu tivesse ido com ele no primeiro dia, teria andado a distância completa. Só que seria outra viagem. Prefiro do jeito

que foi, porque me ajudou a encontrar parte da resposta que eu estava a procurar. Como escreveu Rosa: “O real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.”

Num dos instantes em que o sertão me abraçava com sua resiliência e beleza, gravei um vídeo em que digo a mim mesma: “Se não tiver mais nada depois da vida, valeu caminhar aqui sozinha, valeu ver a seca, valeu me conectar com todas as histórias e pessoas que cruzaram o meu caminho!” Nas profundezas do nosso país, descobri que posso viver muitas vidas numa só. E levá-las na minha pele.

---

**TARSILA DE NICHILE** é psicoterapeuta junguiana. Sente que a vida é uma aventura com inúmeras descobertas e possibilidades.